

UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS DE INTELIGÊNCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

HÉLIO HIROSHI HAMADA

Major da PMMG, Doutorando e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG, especialista em Segurança Pública pela Fundação João Pinheiro e em Estudos de Criminalidade e Segurança Pública pela UFMG.

Resumo: *A análise de redes sociais é uma técnica assessoria que agrega valor aos conhecimentos produzidos pela inteligência de segurança pública. Neste trabalho são visualizados procedimentos específicos baseados na dinâmica das redes sociais que permitem otimizar as intervenções por parte de forças policiais. São apresentados os aspectos conceituais das redes sociais, seus atores, conexões e dinâmicas na internet, e as discussões acerca das construções das comunidades virtuais no ciberespaço. Abordam-se ainda aspectos práticos de monitoramento de informações e de como a análise de redes sociais pode ser aplicada à produção de conhecimento. Assim, a inteligência de segurança pública busca novos paradigmas inseridos num contexto de tecnologia da informação e monitoramento de redes sociais.*

Palavras-chaves: *Redes Sociais. Inteligência de Segurança Pública. Produção de conhecimento. Tecnologia da informação.*

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de revolução da sociedade da informação, cada vez mais as redes sociais têm apresentado notoriedade face à sua popularidade na internet e sua utilização para os mais diversos fins,

inclusive criminosos. O estudo das redes sociais pode trazer uma série de inferências sobre as dinâmicas resultantes das conexões entre os integrantes das comunidades virtuais, podendo ser útil para que a inteligência de segurança pública possa aproveitar as informações constantes nesses ambientes.

Todavia, a utilização de informações oriundas da análise de redes sociais ainda é pontual nas forças policiais, não havendo seu aproveitamento de forma sistemática. A inteligência de segurança pública trabalha com a organização e processamento de dados que resulta em conhecimento que visa ao subsídio à tomada de decisão pelas autoridades policiais. Por sua vez, as redes sociais se constituem numa nova forma de veiculação de dados, baseada em interesses de coletividades, às quais podem ser utilizadas na coleta e análise de informações de interesse para a segurança pública. Então, a seguinte questão emerge nesse contexto: como a análise de redes sociais pode contribuir para a produção de conhecimento de inteligência de segurança pública?

Dessa forma, o objetivo principal do presente artigo visa a analisar, sob o contexto das redes sociais, procedimentos específicos que permitam otimizar a produção de conhecimentos de inteligência de segurança pública. Secundariamente, pretende-se apresentar formas de identificação de redes sociais de interesse para a segurança pública, avaliar a aplicabilidade da análise de redes sociais na produção de conhecimentos e a utilização da análise de redes sociais nos produtos de inteligência de segurança pública.

Portanto, o que se propõe colocar em discussão é uma perspectiva sob o contexto das redes sociais que vai além de uma simples organização de dados. Assim, pretende-se demonstrar como a análise de informações criminais processadas nos setores de inteligência das forças policiais podem ser otimizadas com base no conhecimento obtido por intermédio das teorias relacionadas à análise de redes sociais

2 O CIBERSPAÇO E AS REDES SOCIAIS

Segundo Recuero (2009, p.24), uma rede social é definida como o “conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos) e as suas conexões (interações ou laços sociais)”. Nessa abordagem, as redes sociais são compostas pelas interações que os atores fazem entre si e entre os grupos sociais. Marteleto (2001) acrescenta que as redes sociais formam um sistema de elos, uma estrutura sem fronteiras e não geográfica, num conjunto de participantes autônomos de interesses comuns e compartilhados, em que há a valorização da informalidade e das relações em detrimento das estruturas hierárquicas.

A inserção das redes sociais na internet, principalmente a partir do início da década de 90, trouxe um novo incentivo às interações entre comunidades virtuais o qual se situa no que se chama de ciberespaço. Segundo Levi (1999), a palavra ciberespaço originou do romance escrito por William Gibson, em 1984, denominado *Neuromante*, o qual descreve detalhes do universo digital. A partir de então, o termo foi apropriado por usuários e criadores de redes digitais. Para Levi (1999, p.92), ciberespaço é definido como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”.

As redes sociais “orbitam” no ciberespaço por meio de ferramentas interativas que facilitam a comunicação de atores na rede. Segundo Machado (2009), a popularização das comunidades virtuais no final do século XX e início do XXI deu-se por dois grandes motivos: a internet mais acessível e desenvolvimento de softwares de fácil manuseio, que não exigem experiência do usuário em utilizá-lo.

De outra forma, Recuero (2011) relata que as redes sociais se tornaram a nova mídia, por onde a informação circula, é filtrada, repassada, debatida e discutida, trazendo novas formas de organização baseadas em interesses sociais. Para Fernando (2011), as redes sociais se tornaram a principal ferramenta de comunicação

instantânea, sendo conveniente, útil e agradável.

A análise de redes sociais na internet nasce do estudo dessas interações e conversações entre as comunidades que, por sua vez, pode deixar rastros que fornecem padrões de conexões e visualização das suas estruturas (RECUERO, 2009). É nesse contexto que se procede a análise e compreensão das redes sociais na internet, de como esses grupos se formam e como as interações são mediadas, capazes de gerar fluxos de informações e formação de estruturas sociais em ambiente virtual. Por se constituírem em processos dinâmicos, o estudo das redes sociais demanda do conhecimento dos componentes dessas redes, com seus atores e sua respectiva estruturação.

2.1 AS REDES SOCIAIS E SUAS CARACTERÍSTICAS

Existem diversas ferramentas de redes sociais disponíveis na internet. No entanto, Messa (2011) relata que foi o Orkut que iniciou, em 2003, a adesão dos usuários no Brasil e já, em 2005, era citada como a nova moda da internet no país. Atualmente, o Facebook está crescendo vertiginosamente no Brasil, superando o Orkut no início de 2012, mantendo a preferência pelos usuários brasileiros, segundo dados divulgados pela Experian Hitwise, site especializado em inteligência digital. Em agosto de 2012, o Facebook atingiu um índice de 54,99% de participação no Brasil, frente aos 18,24% registrados em 2011. O YouTube ficou em segundo lugar na categoria, com 17,92%, seguido pelo Orkut, com 12,42%, que registrou uma queda de 33,69 pontos percentuais em relação ao mesmo período de 2011¹.

Algumas redes sociais se caracterizam por agruparem usuários de determinadas camadas da sociedade e faixa etária, como o Myspace, que reúne latinos e adolescentes, conforme relata Sbarai (2011). Isso faz com que as redes sociais formem características próprias de veiculação de conteúdos e agrupamento de pessoas baseadas em relações da sociedade.

¹ Dados coletados no site da G1 <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/08/facebook-mantem-lideranca-entre-redes-sociais-no-brasil-diz-estudo-2.html>>

Outras redes sociais se especializaram em postar informação como o Wikipédia e o Wikileaks, sendo esta última causadora de grande polêmica com a divulgação, ao longo de 2010, de informações sigilosas do governo americano que causaram forte repercussão mundial. De uma maneira informal, os blogs formam outro tipo de rede social onde as informações são organizadas por temas e podem ser escritos por um número variável de pessoas. De acordo com Inagaki (2011), de 2006 a 2009 os blogs vêm perdendo espaço entre os jovens de 12 a 17 anos, porém vem aumentando entre os maiores de 18 anos, o que caracteriza a sua utilização por usuários mais maduros, demonstrando uma mudança de comportamento ao longo do tempo entre os seus usuários.

Assim, as comunidades virtuais se expandem, através de ferramentas interativas que trazem atrativos para seus usuários se comunicarem de forma mais eficiente e personalizada, de acordo com seus interesses em comum. A tabela seguinte demonstra as ferramentas mais utilizadas para formação das redes sociais na internet.

TABELA 1 – RELAÇÃO DAS PRINCIPAIS REDES SOCIAIS
DISPONÍVEIS NA INTERNET – 2011

NOME	CONTEÚDO	ENDEREÇO
BLOGGER	Editoração de blog	www.blogger.com
CROMAZ	Fotos e mensagens	www.cromaz.com
FACEBOOK	Fotos e mensagens	www.facebook.com
FLICKR	Fotos	www.flickr.com
LINKEDIN	Mensagens	www.linkedin.com
MYSPEACE	Fotos, mensagens, música	www.myspace.com
METACAFE	Vídeos	www.metacafe.com
ORKUT	Fotos e mensagens	www.orkut.com
PICASA	Fotos	www.picasa.google.com
PLURK	Mensagens	www.plurk.com.br
TWITTER	Mensagens	www.twitter.com
WIKI	Informação	wikipedia, wikileaks
WORDPRESS	Editoração de blog	www.wordpress.com
YOUTUBE	Vídeos	www.youtube.com

Fonte: Dados da pesquisa

2.2 AS COMUNIDADES VIRTUAIS E OS ATORES DAS REDES SOCIAIS

As comunidades em ambiente virtual possuem algumas características que se diferem de comunidades que possuem uma base territorial física. Machado (2009, p.29) cita que as comunidades em ambiente virtual possuem laços com tendência frágil, caracterizados pela impessoalidade, controle limitado da exposição dos usuários, tempo para refletir sobre os atos, tempo subjetivo/flexível, nível de repasse de informações subjetivas controlável e possibilidade de multiculturalidade.

Machado (2009) ainda classifica as comunidades que formam as redes sociais em três tipos de organização: agrupamento por ideias, agrupamento em torno de pessoas e agrupamento em torno de projetos. O agrupamento por ideias parte da discussão de um tema, teoria, doutrina ou ponto de vista de algum assunto. Já o agrupamento em torno de pessoas se forma pela atuação carismática de um indivíduo e sua capacidade de atração de outras pessoas ao seu redor, seja pelo seu conhecimento, liderança ou capacidade de disponibilização de informação. Por fim, o agrupamento em torno de projetos gira em torno da disponibilização de produtos comuns aos indivíduos que fazem parte da comunidade e possui uma ação temporária em que o fim da rede social coincide com o atingimento dos objetivos do projeto.

Nessa forma de classificação, Machado (2009) observa que os agrupamentos em torno de pessoas e ideias tendem a ser mais abertos e espontâneos, enquanto que a de projetos são menos espontâneos, com estrutura fechada e com menor número de participantes. As comunidades motivadas por ideias tendem a prosperar em ambientes mais informais, com pouco ou nenhum tipo de controle, apesar de haver um mínimo de coordenação em torno dos assuntos discutidos. Já as comunidades em torno de pessoas geralmente são formadas por grandes portais de internet que coordenam, por meio de Blogs, a opinião de especialistas e pessoas com visibilidade perante um público específico.

São esses ambientes nos quais as comunidades desenvolvem suas relações, sejam elas fracas ou fortes, dependentes de variáveis como tempo e interesse no assunto, cuja sobrevivência está vinculada aos usuários conectados em rede. As pessoas envolvidas nessa rede são chamadas de atores, representadas por nós ou nodos². Segundo Recuero (2009), como partes da rede, os atores podem moldar estruturas sociais por meio da interação e da constituição dos laços sociais, podendo ser representadas de diversas formas no ciberespaço. Assim, no exemplo da autora, um ator pode ser representado por um Blog³, um Fotolog⁴, um Twitter, ou mesmo por um perfil no Orkut.

Além da representatividade dos atores, uma característica que está presente no ambiente virtual e ao mesmo tempo traz consigo uma dificuldade é quanto à identificação dos indivíduos que estão na rede. Apesar de alguns colocarem imagens que os identifiquem, presentes em Blogs e Orkut, por exemplo, como relata Recuero (2009), a identificação é feita pela própria construção da interação entre os atores, suas expressões e formatos de construção personalizada de cada página, onde são expostas as preferências do indivíduo como gostos, paixões e ódio.

2.3 ESTRUTURAÇÃO DE CONEXÕES E TOPOLOGIA DAS REDES SOCIAIS

Enquanto os atores de uma rede social são os componentes que formam os nós, suas conexões podem ser percebidas de diversas formas. Segundo Recuero (2009), as conexões em uma rede são constituídas de laços sociais, que por sua vez são formados pelas interações entre seus atores. Na análise de redes sociais, o principal

2 Nós ou nodos são pontos centrais que representam a convergência de uma quantidade de conexões em uma rede social complexa.

3 Trata-se de um site que permite a postagem e atualização de artigos ou posts.

4 Fotologs são blogs que permitem a postagem de fotos.

Utilização das Redes Sociais na produção de conhecimentos de inteligências de Segurança Pública

foco de estudo são as conexões, pois com elas é possível perceber as variações estruturais dos grupos. Essas percepções dos laços sociais podem ser realizadas pela observação do comportamento dos atores sociais que podem ser rastreadas através de mensagens postadas em Blogs ou relacionamentos de amigos em Fotologs.

Os laços sociais, por sua vez, podem ser apresentados nas formas de laços fracos ou laços fortes. Valadares (2011) cita um estudo feito por Paul Adams⁵, o qual relata que há um padrão de laços sociais e que um indivíduo possui em média quatro a seis grupos, sendo cada um composto por relacionamentos com duas a dez pessoas. Esses relacionamentos, na sua maioria, começam com laços fracos e, à medida que o tempo passa, a quantidade de laços fortes cresce, chegando ao ponto de comunidades se conhecerem pelo nome, endereços, encontros e hobbies. A figura seguinte, construída por Paul Adams, demonstra os laços fortes e fracos de uma rede social.

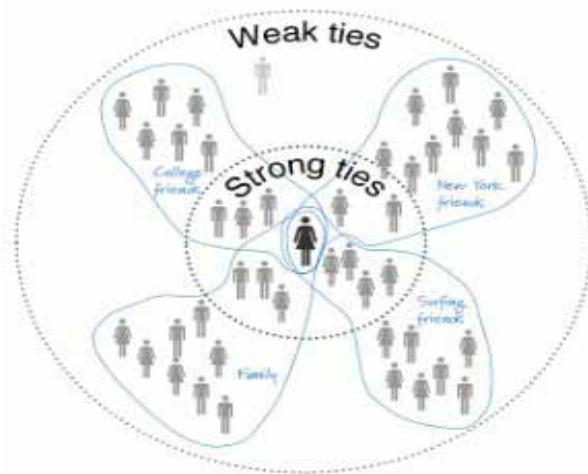


Figura 01 – Representação de uma rede social com laços fortes e laços fracos

Fonte: Adams *apud* Valadares (2011, p.62)

⁵ Pesquisador que trabalhou no Google, atualmente funcionário do Facebook.

Ao analisar essa forma de construção de redes sociais, percebe-se a importância dos laços sociais interferindo na estrutura dos grupos. Granovetter (1983) complementa que são os chamados laços frágeis (*weak ties*) que constroem as redes sociais, pois os laços fortes (*strong ties*) geralmente são formados por grupos fechados (como familiares e grupos de amigos) e não permitem muitas aberturas para suas redes. Já os laços frágeis estariam propensos a conectar vários grupos sociais.

Essa construção de laços fracos e laços fortes resulta em formas que permitem a análise de redes sociais a partir de sua estrutura, chamadas de topologias. As topologias são construídas através dos laços relacionais dos atores das redes sociais. Dentro de uma perspectiva teórica, Baran (1964) apresenta três formas básicas das estruturas das redes sociais: centralizada, descentralizada e distribuída. Segundo o autor, essas três formas básicas são representadas da seguinte maneira (BARAN, 1964):

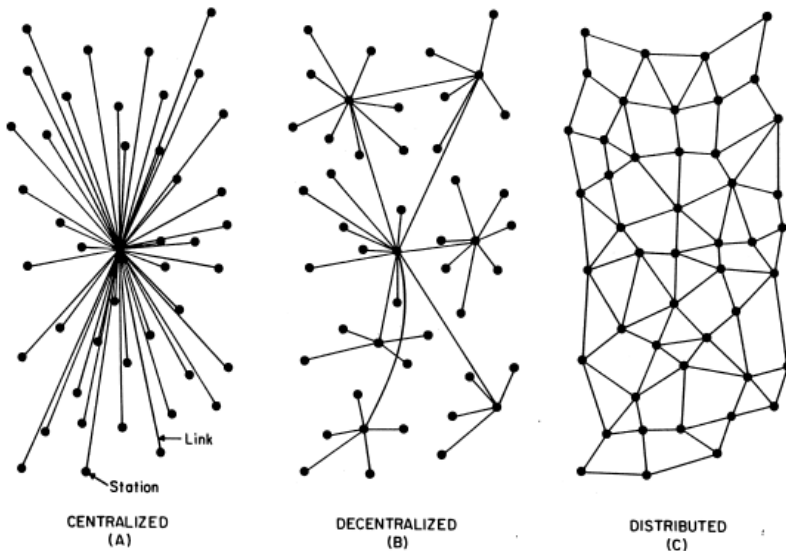


Figura 02 – Estruturas centralizadas, descentralizadas e distribuídas de redes sociais

Fonte: Baran (1964, p.2)

O estudo das topologias é essencial para o entendimento das redes sociais. Segundo a disposição de redes apresentadas por Baran (1964), a centralizada é aquela que possui um nó central, o que não ocorre na descentralizada, que possui vários centros. Já na rede distribuída, há uma equivalência na quantidade de conexões dos nós. Recuero (2009) destaca que as topologias são interessantes para o estudo de vários elementos das redes sociais, como os processos de difusão de informações.

2.4 ELEMENTOS DE ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS

O primeiro problema prático na realização de uma análise dos elementos que compõem redes sociais surge no momento em que se deseja manter o foco da abordagem, ou seja, definir o *recorte* no qual o estudo vai ser realizado. Dessa forma, há necessidade de se ter premissas que responderão como será feita a abordagem da rede social, permitindo visualizar particularidades e percepções estruturais. Segundo Recuero (2009), esse recorte pode ser feito de duas maneiras: pela observação da rede inteira e da rede pessoal. A rede inteira trabalha com uma população limitada, onde se investiga as relações dentro de determinado grupo, cuja abordagem é centrada na rede e suas relações. Já a rede pessoal parte de um nó determinado expandindo as suas conexões a partir de um ator central.

Após a delimitação da rede, pode-se trabalhar as conexões a partir de um único nó e suas conexões ou pela população de interesse. Assim, as redes podem ser observadas a partir de um único Blog com suas conexões e links ou da população de Blogs hospedados em determinado servidor e examinar suas conexões entre os atores do grupo (RECUERO, 2009).

Assim, verificando os elementos componentes da rede social, pode-se determinar padrões através de suas propriedades, os quais Recuero (2009) define como os seguintes: grau de conexão,

densidade, centralidade, centralização e multiplexidade. No quadro seguinte são elencadas as características de cada propriedade.

QUADRO 01 – DESCRIÇÃO DAS PROPRIEDADES DAS REDES SOCIAIS

PROPRIEDADE	CARACTERÍSTICAS
Grau de conexão	Quantidade de conexões que determinado nó possui. Quanto maior o grau de conexão, mais central é o nó da rede.
Densidade	Medida que descreve o grau de conexão de determinada rede. Refere-se à quantidade de conexões em determinado grafo.
Centralidade	Medida da popularidade de determinado nó, determinada pela sua centralidade em relação à rede.
Centralização	Medida de centralidade do grafo. Utilizada para determinar agrupamentos nas redes inteiras ou seja, observando-se todos os nós conjuntamente.
Multiplexidade	Medida dos diferentes tipos de relação social existentes em determinada rede. Relaciona-se à variação de ferramentas como orkut, twitter, blog, etc.

Fonte: Recuero (2009)

Notadamente, as redes sociais não são estáticas e sua estrutura sofre constantes mudanças. Não se esgotam os procedimentos realizados na análise de redes sociais somente com a caracterização de sua topologia e identificação de propriedades, pois, através do tempo, as dinâmicas fazem com que outras formas de análise sejam agregadas, tornando-se um padrão importante a ser compreendido.

As dinâmicas são diretamente influenciadas pelas interações entre os atores que podem significar agregação, desagregação ou ruptura. Recuero (2009) elenca alguns aspectos que são importantes para compreensão dessas dinâmicas: cooperação, competição e conflito; ruptura e agregação; adaptação

Utilização das Redes Sociais na produção de conhecimentos de inteligências de Segurança Pública

e auto-organização e outros comportamentos emergentes. A seguir, apresenta-se o quadro comparativo desses aspectos.

QUADRO 02 – QUADRO COMPARATIVO DOS ELEMENTOS DA DINÂMICA DAS REDES SOCIAIS

ASPECTO	DESCRIÇÃO
Cooperação, competição e conflito	Padrões resultantes de interação ou comunicação com suas regularidades e irregularidades. São fenômenos naturais e emergentes que podem ser definidas pelos interesses individuais e de grupo, em torno de adversários ou movimentos reacionários*.
Ruptura e agregação	Capacidade de agregar e desagregar pessoas, também chamado de <i>clusterização</i> . Os conectores têm papel fundamental na topologia da rede, pois são os responsáveis pelo fluxo de informações no grupo.
Adaptação e auto-organização	Resultado das mudanças constantes dos sistemas sociais que exigem a necessidade de impor algumas regras, direitos e responsabilidades na rede.**
<u>Outros comportamentos emergentes</u>	Padrões emergentes que surgem naturalmente com a utilização das redes que podem ser em larga escala ou em microescala.***

Fonte: Recuero (2009)

* Um exemplo de conflito mediado pela internet são as atividades de organizações terroristas multiplicando ideologias na comunidade virtual. O conflito também pode estar presente quando se postam imagens não autorizadas ou de conteúdo proibido ou ofensivos, citando-se, por exemplo, comunidades que defendem o nazismo ou racismo. Já na competição, é comum a disputa pelo maior número de “amigos” na comunidade.

**Compreende a inserção de regras para impedir que conteúdos ofensivos ou de perseguição sejam postadas de maneira indevida.

***O próprio aparecimento das redes sociais na internet pode ser uma característica de larga escala, assim como a auto-organização. De outra maneira, a propagação de pequenos clusters são padrões emergentes em microescala. O Orkut inicialmente tinha finalidade de interação social com os atores, porém está sendo utilizado para construção de identidades.

Assim, as características dinâmicas assumem papel importante no estudo das redes sociais na medida em que influenciam a ponto de alterar a estrutura da rede e as conexões entre os nós. O surgimento de novas comunidades, as agregações e rupturas, os conflitos dentro de comunidades e outros comportamentos são discutidos ao se praticar a análise de redes sociais. Portanto, é importante considerar as redes sociais como estruturas que não se comportam de maneira estática ao longo do tempo e o seu monitoramento deve levar em consideração os atores, seus elementos e a dinâmica que envolvem as comunidades no ciberespaço.

3 ANÁLISE DE REDES SOCIAIS APLICADA À PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DE INTELIGÊNCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

Ao longo dos anos a análise de redes sociais vem sendo desenvolvida para a compreensão das relações sociais entre os indivíduos e, mais recentemente, no espaço cibernético. Ocorre que, estando a sociedade envolvida como ator de interação das redes sociais, abre-se margem para que fenômenos relacionados com a criminalidade tenham como palco o ambiente virtual.

Nesse contexto, as forças de segurança pública⁶ atuam como dissuasor dessas práticas, todavia, como o fenômeno da criminalidade é complexo e emerge de várias formas, a compreensão da dinâmica das redes sociais carece ser acrescido de outro tipo de análise que é a da inteligência de segurança pública. A seguir, será discorrido como é construída a interação entre a análise de redes sociais e a análise de inteligência de segurança pública, desde a vinculação das comunidades virtuais com o crime, passando

6 No Brasil, segundo a Constituição Federal, as forças de segurança pública são compreendidas pela Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Polícia Ferroviária Federal, Polícias Cíveis, Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares. Eventualmente, as forças armadas podem ser solicitadas a colaborar nos esforços da segurança pública.

pelo papel da inteligência na captação de informações na rede e culminando nos produtos decorrentes desse processo.

3.1 O PAPEL DA INTELIGÊNCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

Antes da abordagem aplicada às redes sociais, faz-se necessária a compreensão da função da inteligência nas forças de segurança pública, de modo a localizar o ponto exato da abordagem às comunidades virtuais no ciberespaço.

Dessa forma, primeiramente faz-se uma explanação da inteligência numa concepção genérica de Estado. Lowenthal (2006) destaca que as agências de inteligência existem por pelo menos quatro razões: evitar surpresa estratégica, fornecer experiência a longo prazo, apoiar o processo de planejamento de políticas e manter o sigilo das informações, necessidades e métodos. Interessante ressaltar que Cepik (2003) considera que a inteligência possui a função de coletar, organizar ou analisar dados para atender às demandas de um tomador de decisão.

Shulsky e Schmitt (2002) acrescentam que a mais notável característica das organizações que trabalham com inteligência é o segredo sob o qual suas atividades são conduzidas. Consequentemente, as atividades buscam o chamado “dado negado”⁷, ou seja aquela informação à qual o oponente mantém sob proteção para não se comprometer. Mesmo tendo o segredo como característica, grande parte das informações são obtidas pela inteligência por meio de fontes ostensivas. Brito (2011) afirma que a inteligência obtém informações, tanto mediante o emprego de fontes ostensivas quanto por meios clandestinos, de modo que o resultado deve atender às necessidades do usuário.

7 Entende-se por “dado negado” todas as informações que estão protegidas e que, para serem obtidas, necessita-se do emprego de ações especializadas de inteligência. Gonçalves (2010) observa que a atividade de inteligência trabalha sob a égide do segredo e busca, por meio da utilização de meios sigilosos ou encobertos, obterem informações que estão escondidas por Estados ou outros atores.

Mas o fato da inteligência se especializar em coletar informações requer alguns cuidados. Apesar da literatura apresentar algumas características essenciais da inteligência, ainda pairam algumas dúvidas, principalmente quanto à aplicação demasiada do conceito, como adverte Agrell (2002) ao se referir à utilização da atividade como elemento chave, não apenas nos negócios mas, virtualmente, em todos os campos dos assuntos públicos ou privados. Nessa concepção ampla, o autor diz que a inteligência passa a ser vista como de interesse para qualquer organização e quase todo indivíduo, levando à afirmação de que *quando tudo é inteligência, nada é inteligência*. Nessa afirmação, vale o cuidado com que as agências de inteligência possam trabalhar com informações úteis e necessárias àquele contexto com que irão operar ou assessorar na decisão do usuário.

Quanto ao seu emprego, a inteligência tem em seu escopo diferentes concepções devido à amplitude de sua missão de obter e analisar informações. Nessa visão, Gonçalves (2010) assinala que praticamente tudo pode ser objeto da inteligência, como questões de política externa, assuntos internos, problemas estratégicos contemporâneos, temas fiscais, segurança pública, produção industrial e agrícola, meio ambiente, epidemias e saúde pública, política energética, dentre tantas outras.

Diante da diversidade de categorias da atividade de inteligência, cabe fazer um recorte na temática da segurança pública, com o objetivo de desenvolver o raciocínio no presente estudo. Observa-se que a inteligência de segurança pública teve um desenvolvimento significativo nas últimas décadas em razão da necessidade de utilização de meios eficazes de controle da criminalidade e de enfrentamento às organizações criminosas transnacionais. Desse modo, verifica-se que o objeto dessa categoria da inteligência trata da coleta e análise de informações de questões relacionadas à prevenção e repressão de ilícitos por parte de indivíduos infratores. Segundo Dantas e Souza (2004), ao citar Joseph Deladurantey, comandante da Divisão de Investigação

Utilização das Redes Sociais na produção de conhecimentos de inteligências de Segurança Pública

Científica de Los Angeles, relata que a função da inteligência em uma organização policial é de realizar a coleta de informações de indivíduos e grupos engajados no crime.

Sob esse aspecto, vários estudos têm sido realizados no sentido de aprimorar modelos de policiamento orientado pela inteligência, na tradução de *Intelligence-Led Policing*⁸. Esses modelos trazem sob seu foco estratégias baseadas em informações sobre o ambiente criminal e atividades de pessoas envolvidas em crimes. Ratcliffe (2008), com o modelo denominado *3-i model*, observa três aspectos: análise de inteligência criminal (*crime intelligence analysis*), criminologia ambiental (*criminal environment*) e tomadores de decisão (*decision maker*). Esses três aspectos estão interligados de forma que a inteligência tenha o papel de interpretar a criminalidade, fornecendo subsídios para o tomador de decisão, que por sua vez definirá ações que deverão trazer impactos no ambiente criminal. A figura seguinte demonstra esse fluxo de ações.

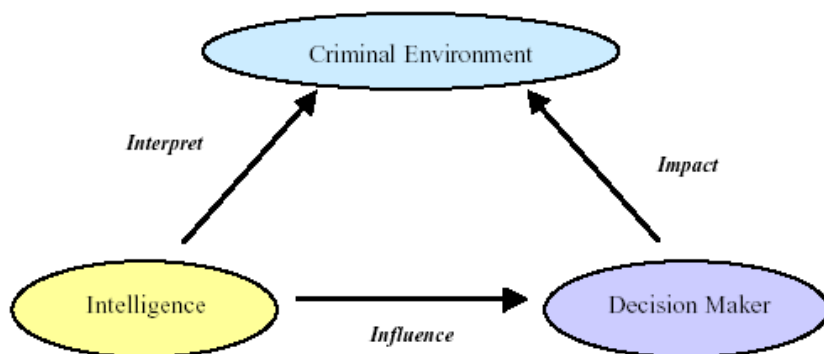


Figura 03 – The 3-i model (interpret, influence, impact)

Fonte: Ratcliffe (2008, p. 110)

⁸ Esses modelos são amplamente utilizados pelas polícias dos Estados Unidos e Inglaterra (RATCLIFFE, 2008).

No Brasil a inteligência de segurança pública é executada preponderantemente pelas polícias e outros órgãos do sistema de justiça criminal. O decreto 3.695/2000 instituiu o Subsistema de Inteligência de Segurança Pública (SISP), no âmbito do Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN), de forma a organizar uma rede de coordenação e integração da atividade no território nacional. A resolução 01/2009, que regulamentou o SISP, trouxe a seguinte definição em seu art. 1º, parágrafo 4º, inciso III:

Inteligência de Segurança Pública: é a atividade permanente e sistemática via ações especializadas que visa identificar, acompanhar e avaliar ameaças reais ou potenciais sobre a segurança pública e produzir conhecimentos e informações que subsidiem planejamento e execução de políticas de Segurança Pública, bem como ações para prevenir, neutralizar e reprimir atos criminosos de qualquer natureza, de forma integrada e em subsídio à investigação e à produção de conhecimentos (BRASIL, 2009b, p. 2).

Gonçalves (2010) acrescenta que atividade de inteligência de segurança pública exerce um papel importante não só para a repressão, mas, sobretudo, para a prevenção da atividade de organizações criminosas. Já Ferro Júnior (2008) aponta que, com a nova cultura emergente cercada de recursos tecnológicos e de comunicação, novas modalidades de crimes e atos ilícitos crescem numa velocidade exponencial onde a distância virtual acoberta o anonimato, cujo criminoso, diante de um computador, dispensa a violência física. Diante desse cenário, o mesmo autor afirma que não há outra saída para as organizações policiais senão caminhar para a sofisticação tecnológica, com mudança de cultura, processos e apoio na atividade de inteligência.

3.2 USO DAS INFORMAÇÕES DAS REDES SOCIAIS NA ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

A inteligência de segurança pública, mesmo dentro da temática das redes sociais, tem um vasto campo de atuação. Novais (2011) apresentou, como potencialidades do monitoramento de redes sociais para a atividade de inteligência, a implementação de medidas de segurança pessoal, segurança de informática, contrapropaganda e desinformação e contraespionagem⁹.

Uma infinidade de dados tramita nas redes sociais por meio da internet, possibilitada pela diminuição das distâncias geográficas, culturais e sociais entre os usuários da rede. A todo momento comunidades virtuais surgem e acabam, juntamente com suas conexões formadas pelos atores componentes das redes sociais. Nesse ambiente tecnológico, naturalmente surgem problemas da modernidade, incluindo a relação com o fenômeno da criminalidade. Compreender essas dinâmicas frente à criminalidade com o auxílio da análise de redes sociais é o desafio contemporâneo da inteligência da segurança pública, que tem que lidar com novas tecnologias e ao mesmo tempo com novos paradigmas. Tarapanoff (2001, p.33) afirma que “novos paradigmas ocorrem quando são iniciados novos ciclos científicos, econômicos, tecnológicos, dentre outros, que por sua vez afetam e provocam mudanças em cascata: sociais, comportamentais e culturais, nas pessoas e nas organizações”. A autora discorre que a inovação é o que provoca esses novos ciclos e a melhor forma da organização estar preparada para os novos tempos é por meio do aprimoramento contínuo.

A expansão das redes sociais na internet faz parte desses novos paradigmas para os quais as organizações devem estar preparadas. Notadamente, algumas organizações já utilizam das informações oriundas das redes sociais, a exemplo do Federal Bureau of Investigation (FBI) e Receita Federal americana, que já utilizam as redes sociais para fins investigativos. Nesses casos, as informações coletadas em redes sociais revelam comunicações pessoais,

⁹ As medidas apresentadas são procedimentos de segurança tratados no campo da contrainteligência.

motivações ou relações pessoais, informações sobre localização de criminosos, provar ou descartar álibis ou identificar organizações criminosas¹⁰.

Em alguns casos, a utilização das redes sociais vai além do propósito inicial de promover a interação entre usuários e pode causar danos à sociedade e, conseqüentemente, ser tratada como um problema para o Estado. Foi o caso da descoberta, no final de 2010, da utilização do Orkut para oferecimento de drogas em Porto Alegre/RS, cujas entregas eram concretizadas por meio do Sedex dos Correios¹¹. Há registro de gangues em São Paulo usando as redes sociais para disseminar a violência contra homossexuais, negros e asiáticos, inclusive com conexões com outras gangues do Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais¹².

Verifica-se também que os ataques de hackers na internet estão sendo difundidos em larga escala pelas redes sociais. Em 19 de junho de 2011, um grupo internacional de hackers denominado *LulzSec*, anunciou o lançamento da Operação Antissecurança ou *#AntiSec* na linguagem do Twitter, pedindo que hackers do mundo todo invadissem sites governamentais. Três dias após o anúncio, sites da Presidência da República, Receita Federal e do Portal Brasil sofreram fortes ataques, cuja autoria foi assumida pelo grupo hacker *LulzSecBrasil*¹³. Nos dias seguintes registraram-se ataques a sites da Petrobrás, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministérios dos Esportes e da Cultura. Esse que é considerado o

10 Publicado em R7 Notícias - <http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias>. Polícia americana rastreia redes sociais para suas investigações. Acesso em 02 de maio de 2011.

11 Publicado no Correio Braziliense - http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2010/10/16/interna_brasil,218423/index.shtml. Acesso em 04 de maio de 2011.

12 Publicado em O Globo, disponível em <https://conteudoclipppingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2011/4/10>. Gangues aterrorizam gays negros e asiáticos. Acesso em 04 de maio de 2011

13 Notícia publicada em http://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergio_malbergier/933978-antisecc.shtml. AntiSec. Acesso em 27Jun11.

Utilização das Redes Sociais na produção de conhecimentos de inteligências de Segurança Pública

maior ataque de hackers já registrado na história brasileira, mostrou a fragilidade da segurança frente a essa ameaça e tem como a principal forma de comunicação o Twitter, o que demonstra o poder de interação da rede social, inclusive de caráter danoso.

Outra forma de manifestação nas redes sociais é a de mobilização de massas, como o caso de torcidas organizadas e manifestações sociais. Há registro de que torcidas dos times de futebol de São Paulo e Palmeiras usaram o Orkut para reunir amigos para brigas em vários pontos da cidade no dia do jogo entre os dois times¹⁴. Outro exemplo de mobilização foi a utilização de redes sociais como o Twitter e o Facebook por ocasião dos protestos contra o regime autoritário no Egito, no início de 2011¹⁵.

A captação de informações por meio das redes sociais também pode ser útil em ambientes onde as forças policiais estão restritas em razão do risco, como foi o caso da ocupação do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, no final de 2010. Nesse episódio, um jovem de 17 anos protagonizou pelo Twitter todos os momentos mais tensos da ocupação pelas forças policiais e forneceu informações importantes sobre a situação¹⁶.

As redes sociais também podem ser úteis para as forças de segurança atuarem na identificação e localização de criminosos, a exemplo da prisão do chefe da máfia calabresa na Itália, ocorrida no início do ano de 2010, por meio do rastreamento da conta do mafioso no Facebook¹⁷. Além da identificação, as redes sociais ainda podem

14 Notícia publicada em <http://info.abril.com.br/aberto/infonews/042006/26042006-5.shl>. Torcedores usam Orkut para marcar brigas. Acesso em 04Mai11.

15 Publicado na Band News - <http://bandnewstv.band.com.br/conteudo.asp?ID=420980&CNL=20>. Egito decreta toque de recolher para conter protestos.

16 Publicado no Portal G1 - <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-contr-o-crime/noticia/2010/11/pelo-twitter-jovem-passa-ser-correspondente-da-guerra-no-alemao.html>. Acesso em 02 de maio de 2011.

17 Publicado no Portal G1 - <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,MUL1531223-5602,00-> Chefe da máfia calabresa é preso na Itália graças à ajuda do Facebook.

auxiliar a traçar o perfil de criminosos com a análise de informações postadas, como no caso do atirador que matou 12 crianças em uma escola no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro. Antes de cometer o ato e ser morto pela polícia, o assassino havia postado algumas fotos e informações que indicavam a sua personalidade e uma possível motivação de que os assassinatos estariam ligados à sua religiosidade¹⁸.

Nesse sentido, observa-se que as redes sociais podem servir para auxiliar autoridades policiais de várias formas, seja no monitoramento de situações como nos casos de manifestações que possam afetar a ordem pública, seja no confronto direto com a criminalidade, como na repressão ao tráfico de drogas e na identificação e localização de criminosos. Todavia, o vasto repertório de informações que tramita nas redes sociais deve ser tratado de forma adequada pois corre-se o risco de perda de objetividade e eficácia. Por isso, como relata Ferro Júnior (2008), as organizações policiais precisam desenvolver estratégias que possibilitem redefinir processos, automatizar tarefas e conduzir com efetividade o fluxo de conhecimentos, aliado ao aparelhamento policial com modernas tecnologias.

3.3 CICLO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DE INTELIGÊNCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA NO CONTEXTO DAS REDES SOCIAIS

Na inteligência, o produto final resultante da submissão de informações a um tratamento adequado por meio de uma metodologia própria é denominado conhecimento. Esse processo de maturação da informação segue algumas fases que fazem parte do chamado ciclo de produção do conhecimento. Brito (2011) observa que a compreensão do processo de produção do conhecimento passa pelo entendimento do ciclo. Esse entendimento faz com que as informações iniciais passem a ter um valor agregado à medida

¹⁸ Publicado em O GLOBO - <http://www.ogalileo.com.br/noticias/nacional> - Orkut de atirador era recheado de versículos e apenas uma comunidade entendendo a bíblia sagrada. Acesso em 04 de maio de 2011.

que passam pelas etapas até chegar ao usuário final.

De acordo com o entendimento de Brito (2011, p.37), “o ciclo de inteligência constitui-se como um conjunto de etapas e processos que vão da identificação das necessidades do cliente até a entrega do produto final, sendo que suas etapas variam de acordo com a definição conceitual adotada”. Esse ciclo pode ser dividido em dez partes, conforme cita Cepik (2003, p.32): “requerimentos informacionais, planejamento, gerenciamento dos meios técnicos de coleta, coleta a partir de fontes singulares, processamento, análise de informações obtidas de fontes diversas, produção de relatórios, informes e estudos, disseminação dos produtos, consumo pelos usuários e, por último, avaliação (feedback)”. Notadamente, a informação passa por um tratamento o qual resulta em um produto que vai servir de subsídio para a tomada de decisão por parte de alguma autoridade.

No Brasil, consta na Doutrina Nacional Inteligência de Segurança Pública (DNISP), editada em 2009 pela Secretaria Nacional de Segurança Pública, que o ciclo de produção do conhecimento possui duas etapas principais: a reunião de dados e o processo de análise. Nessa perspectiva, o ciclo de produção de conhecimento possui quatro fases: planejamento, reunião de dados, processamento e difusão (BRASIL, 2009a).

Sob o aspecto metodológico, a inserção da análise de redes sociais no ciclo de produção de conhecimento é um procedimento novo ao qual as agências de inteligência policiais ainda têm que se adaptar, apesar do fenômeno já estar presente na internet há algum tempo. A internet, de forma geral, já vem sendo utilizada pelos operadores de inteligência, dentro do procedimento de coleta em fontes ostensivas ou OSINT (*Open Sources Intelligence*)¹⁹. De fato, Cepik (2003) afirma que sempre houve esforços das agências de

¹⁹ Consiste na obtenção de dados sem restrição de segurança, da observação direta e não clandestina dos aspectos políticos, militares e econômicos da vida interna de outros países ou alvos, do monitoramento da mídia, da aquisição legal de livros e revistas técnico científicas. Cepik (2003, p.51).

inteligência em coletar dados de fontes ostensivas, porém a OSINT ganhou importância após o crescimento informacional da última década. Todavia, apesar desse procedimento de coleta em fontes ostensivas ser normal, as agências de inteligência, principalmente as de segurança pública, precisam aprimorar as medidas de coleta e análise de informações em redes sociais, de modo a inseri-las no ciclo de produção do conhecimento.

É fato que o excesso de informação, auxiliado pela evolução dos meios tecnológicos de comunicação, se tornou um problema para a obtenção de informações para a inteligência. Nesse aspecto, de forma a auxiliar na organização dos dados, a DNISP (Brasil, 2009a) divide os meios de obtenção de dados da seguinte maneira: humanos, cujo foco é o homem, e eletrônicos, baseado no equipamento²⁰.

Para as redes sociais, apesar das interações serem feitas por pessoas, a classificação do meio de obtenção é a eletrônica, pois a ação se realiza pela captura de dados pela interceptação de sistemas de informática, telecomunicações e telemática. Ferro Júnior (2008, p.187) denomina como inteligência de redes a “busca, coleta, análise, monitoramento e interceptação de redes integradas, corporativas e de comunicação virtual (internet), com o objetivo de produzir conhecimento pertinente na Segurança Pública e auxiliar a atividade investigativa e ostensiva na obtenção de informações”. Segundo o mesmo autor, a inteligência de redes deverá se consolidar como uma atividade de prospecção envolvendo a gestão de informações em fontes abertas.

20 Segundo a DNISP, a obtenção por meio de fonte humana é denominada Inteligência Humana e a eletrônica é Inteligência Eletrônica, que por sua vez se subdivide em Inteligência de Sinais, Inteligência de Imagens e Inteligência de Dados (BRASIL, 2009a).

3.4 O MONITORAMENTO E EXTRAÇÃO DE DADOS DE REDES SOCIAIS

A análise de redes sociais exige o processamento de grande volume de dados, sendo necessário recorrer aos recursos de tecnologia da informação. Para auxiliar na análise de redes sociais, existem vários softwares específicos, estudados por Andery (2010), que podem ser bastante úteis para agilizar o processo. Existem ainda outras soluções tecnológicas como o *Analyst's Notebook* da plataforma "I2" e o sistema "IDSeg", que já são utilizados pelas polícias, principalmente na análise de dados oriundos de interceptação de comunicação e dados, onde um grande número de informações é processado. Estas soluções tecnológicas possuem módulos que permitem a construção de grafos de redes que podem ser aproveitados para processar dados oriundos de redes sociais. Apresentam-se, a seguir, os softwares com a descrição e visual gráfico.

NetDraw - utilizado para visualizar grandes redes sociais, gerando representações visuais baseados nos atributos individuais.

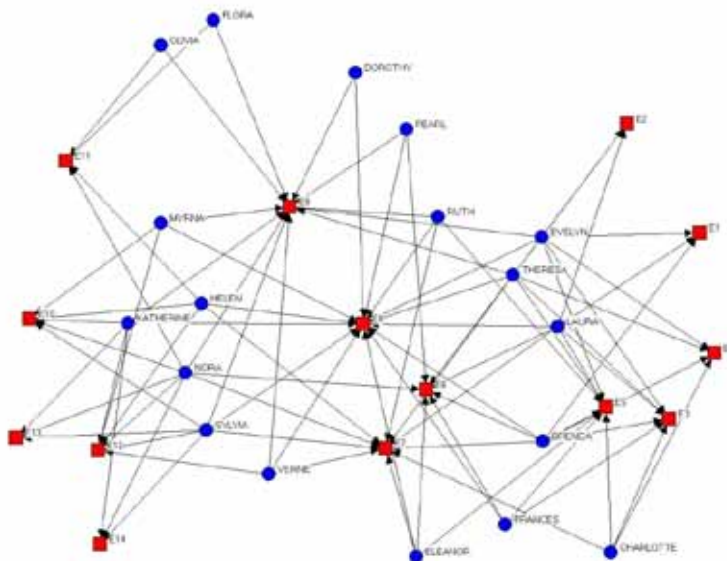


Figura 4 – Visual gráfico do software NetDraw

Fonte: <http://www.analytictech.com/Netdraw/netdraw.htm>

Vizster - permite a identificação de padrões e visualização das comunidades das quais fazem parte.

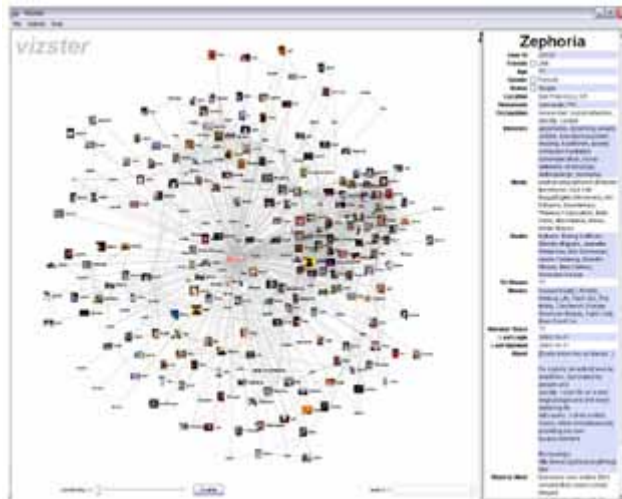


Figura 5 – Visual gráfico do software Vizster

Fonte: Andery (2010)

Matrix Explorer e NodeTrix – são programas que permitem visualizar redes como um conjunto de nós e arestas em coordenação em forma de matriz.

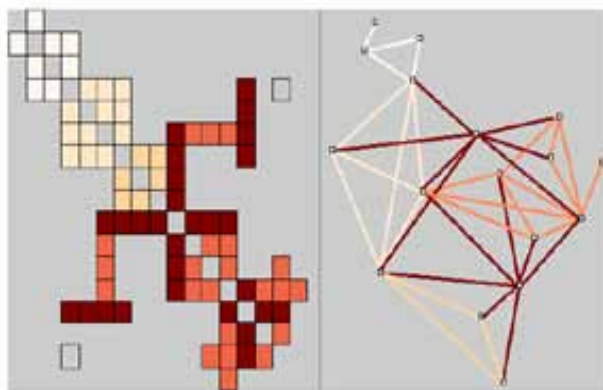


Figura 6 – Visual gráfico do software Matrix Explorer

Fonte: Andery (2010)

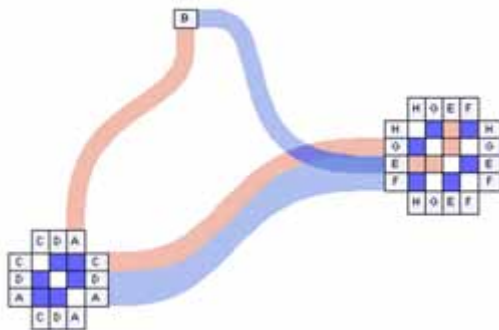


Figura 7 – Visual gráfico do software NodeTrix

Fonte: Andery (2010)

Ontovis – Programa capaz de construir redes heterogêneas, útil para construção de sociogramas de organizações.

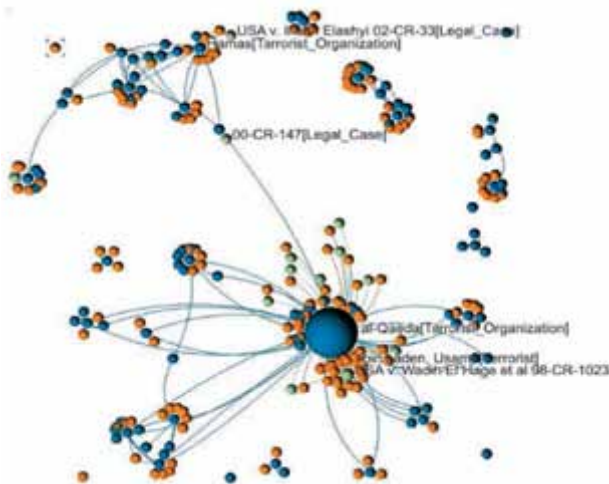


Figura 8 – Visual gráfico do software Ontovis

Fonte: Andery (2010)

IDSeg - Sistema de Inteligência Policial é uma solução que integra informações a partir de um ou vários bancos de dados, auxilia na construção e análise completa de dados. As informações podem ser construídas com base nos bancos de dados de fontes estruturadas e de fontes não estruturadas, como notícias via Internet, apresentações, documentos externos, entre outros.

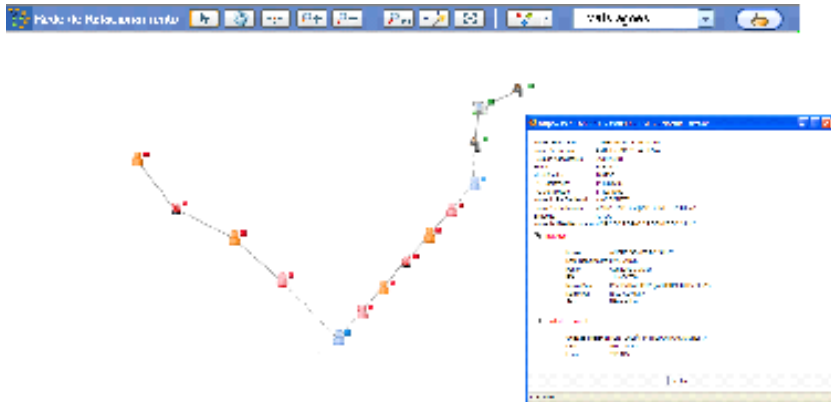


Figura 9 – Visual gráfico do software IDSeg

Fonte: Folder da empresa Dígito Tecnologia

Analyst's Notebook é um software de análise visual capaz de reunir, exibir, cruzar e analisar dados por meio de diagramas. Realiza pesquisas, vínculo com o período de tempo e diferentes funções de análise.

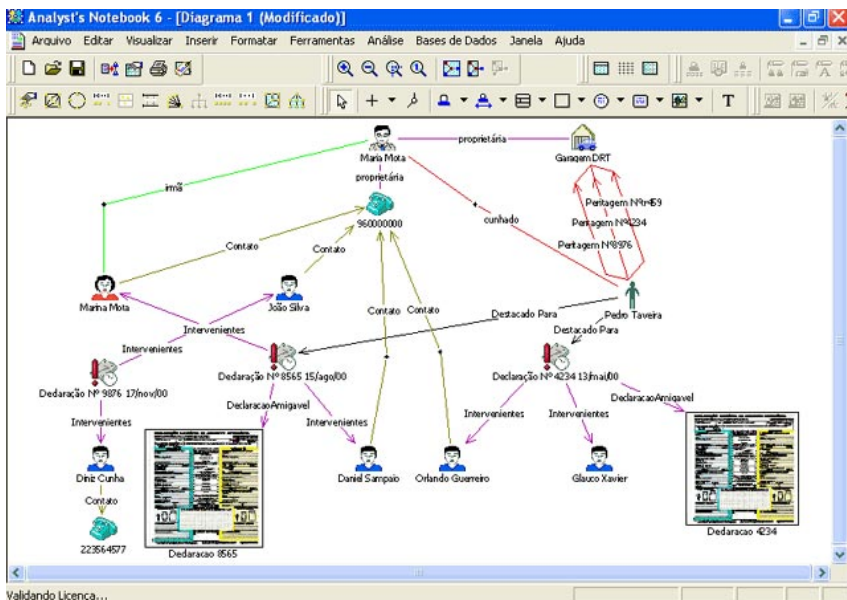


Figura 10 – Visual gráfico do software Analyst's Notebook

Fonte: www.trgroup.com.br

Utilização das Redes Sociais na produção de conhecimentos de inteligências de Segurança Pública

Esses softwares possuem arquiteturas e funções variadas e devem ser adequados para o tipo de necessidade que se quer obter²¹. Assim, o resultado dessas análises, com a utilização de softwares específicos, pode ser incluído nos trabalhos da análise de inteligência de segurança pública, de forma a responder aspectos complementares dentro do repertório de quesitos que o analista necessita para finalizar seu produto.

As ferramentas apresentadas funcionam sob o conceito de *data mining*²² e atuam como extratores e organizadores de grandes volumes de dados. Os extratores têm a função de filtrar informações de interesse para um banco de dados, automatizando a coleta. Uma vez organizados dentro de banco de dados, os softwares fornecem relatórios estatísticos e grafos dos relacionamentos das redes sociais. Freitas *et al.* (2008) ilustram esse processo com a seguinte figura.

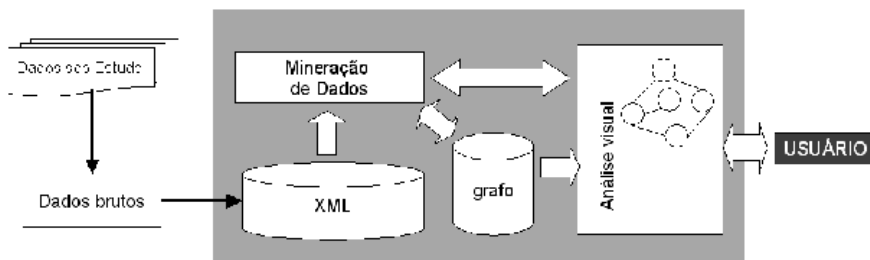


Figura 11 - Análise e visualização de dados de redes sociais para extração de conhecimento

Fonte: Freitas *et al.* (2008, p.110)

3.5 ANÁLISE DE REDES SOCIAIS NO APOIO À CONSTRUÇÃO DE PRODUTOS DE INTELIGÊNCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

A facilidade de acesso à informação no mundo moderno provoca mudanças em ritmo acelerado nas relações sociais e nos

21 Uma lista de programas também pode ser acessada no site do International Network for Social Analysis pelo endereço eletrônico <<http://www.insna.org>>.

22 Data Mining ou mineração de dados é a tarefa do estabelecimento de novos padrões de conhecimento, geralmente imprevistos, partindo-se de uma massa de dados previamente coletada e preparada para este fim (SULAIMAN e SOUZA, 2001).

ilícitos, como assinala Ferro Júnior (2008). Acompanhar essas mudanças no crime exige das organizações policiais a adoção de novos métodos de prospecção e monitoração de informações sobre o crime, o que pode ser potencializado pela atividade de inteligência de segurança pública.

Molina e Valentin (2004) consideram que a prospecção e o monitoramento informacional são atividades consideradas básicas para a atividade de inteligência pois são elas que alimentam todo o processo informacional, gerando produtos sistematizados e relevantes para a organização. Assim, é necessário ter uma visão de contexto sobre os fatos e suas interligações, de modo a possibilitar a antecipação de informações em relação aos problemas de segurança pública.

Do processo de sistematização do fluxo informacional decorrem produtos e serviços de informação de acordo com a necessidade e características de cada organização. Assis (2006) relata que o objetivo final dos produtos e serviços é levar aos usuários informações úteis para o desempenho de suas funções, tomada de decisões e na ampliação do conhecimento, procurando atender às necessidades de informação dos usuários.

Os produtos oriundos da inteligência são agregados de valor, como sugerem Tarapanoff *et al.* (2000) e excede métodos tradicionais de consulta, pesquisa e disponibilização de informações aos usuários. Ao citar Taylor (1986)²³, os autores observam que há seis categorias que podem agregar valor aos produtos da inteligência, quais sejam: facilidade de uso, redução de ruído, qualidade, adaptabilidade, economia de tempo e economia de custo. Assis (2006) complementa que o processo de agregação de valor às informações inicia-se a partir das fontes selecionadas para a análise da informação e termina no atendimento às necessidades do usuário.

23Apud Tarapanoff *et al* (2000)

Assim, mostra-se que os produtos de inteligência são resultado de um processo de agregação de valor às informações selecionadas e que, segundo a DNISP (BRASIL, 2009a), para a inteligência de segurança pública, é imperativo o uso de metodologia própria²⁴, de procedimentos específicos²⁵ e de técnicas acessórias²⁶ voltadas para a produção do conhecimento, o que torna o processo racional. A análise de redes sociais é uma técnica acessória a qual a inteligência de segurança pública pode utilizar para agregar valor às informações em processamento dentro do ciclo de produção do conhecimento. Dessa forma, integra-se a análise de redes sociais com a análise de inteligência de segurança pública.

Assim, o resultado da análise de redes sociais, com a utilização da tecnologia disponível, integra a análise de inteligência na medida em que ela é aproveitada como técnica acessória. A análise de redes sociais pode fornecer dados sobre a topologia das comunidades e suas conexões em laços fortes ou fracos, informando a estrutura de determinadas redes. Informações veiculadas nas redes sociais também podem ser analisadas para identificar pessoas e suas intenções, atividade esta muito útil para a inteligência de segurança pública, que tem por finalidade antecipar fatos e situações.

Ao final de todo o processamento da informação, seguindo-se a metodologia própria do ciclo de produção de conhecimento, resultam os produtos de inteligência. Segundo a DNISP (BRASIL, 2009a) os conhecimentos são divididos em quatro tipos: informe, informação, apreciação e estimativa. Esses conhecimentos servem para diferentes propósitos e necessidades do usuário, tendo em seu

24 Na atividade de inteligência denomina-se metodologia de produção do conhecimento.

25 Os procedimentos específicos são próprios da atividade de inteligência como estória-cobertura, vigilância, disfarce, entrevista, dentre outros.

26 Entende-se como técnicas acessórias aquelas que não são próprias da atividade de inteligência, como estatística, geoprocessamento, análise prospectiva, análise de riscos e análise de redes sociais.

conteúdo qualidades de certeza em relação a um fato ou situação, graus de complexidade do trabalho analítico e fatores ligados ao tempo passado, presente e futuro.

É importante ressaltar que, conforme relata Assis (2006), para a construção de produtos de informação é essencial que as fontes de informação estejam validadas e seja feita a verificação das necessidades do usuário. O mesmo autor mostra que o objetivo final dos produtos é de levar aos usuários informações com valor agregado e que sejam úteis no desempenho de suas funções, na divulgação de novos conhecimentos e na tomada de decisão.

Dessa forma, os produtos de inteligência de segurança pública podem ser agregados de valor com a utilização da técnica de análise de redes e auxiliar as forças policiais nas suas atividades de enfrentamento aos problemas da criminalidade.

4 CONCLUSÃO

As redes sociais constituem-se em grande potencial a serem exploradas pelas forças de segurança pública. A compreensão da estrutura das redes sociais e do fluxo informacional presente nas comunidades virtuais mostra-se importante na medida em que se presta ao auxílio do controle da criminalidade e do enfrentamento de organizações criminosas.

A análise das redes sociais aplicada à inteligência de segurança pública faz com que seja otimizada a coleta de informações específicas baseadas em comunidades virtuais. A dinâmica constante nessas comunidades, construídas a partir de ideias e pessoas, pode servir para mapear a criminalidade, grupos terroristas, alvos em potencial e até torcidas organizadas com intenções delituosas. Assim, a inteligência de segurança pública cumpre seu papel de analisar, sob todos os contextos, determinado assunto de interesse.

As atividades realizadas pela inteligência de segurança pública, juntamente com as redes sociais, demonstra a necessidade de adaptação a novos paradigmas onde a tecnologia se mostra presente. Nesse contexto, as organizações policiais devem se preparar e inserir a análise de redes sociais no processo de

produção de conhecimento. O monitoramento de redes sociais parte de modelos de policiamento orientado pela inteligência e da necessidade de informação para a tomada de decisão.

Os produtos informacionais, agregados de valor por meio da análise de redes sociais, auxiliam os decisores a traçarem alternativas para suas estratégias. Ressalta-se que a utilização da tecnologia, juntamente com a integração da análise de redes sociais e a análise de inteligência de segurança pública, tem como resultado produtos com maior qualidade. A tecnologia da informação, com softwares específicos para a análise de redes sociais, automatiza a coleta e o processamento de dados, o que agiliza a atividade de produção de conhecimento.

Dessa forma, demonstra-se que a análise de redes sociais é uma técnica assessória que otimiza atividade de inteligência de segurança pública. Destarte, verifica-se que a análise de redes sociais aprimora a produção de conhecimentos de inteligência de segurança pública e potencializa a análise qualitativa de informações de segurança pública.

Abstract: *A social network analysis is a technical advisory that adds value to knowledge produced by the intelligence of public safety. In this work are displayed specific procedures based on the dynamics of social networks that allow you to optimize interventions by police. We present the conceptual aspects of social networking, its actors, and dynamics in internet connections, and discussions about the construction of virtual communities in cyberspace. It addresses practical aspects still monitoring information and how social network analysis can be applied to the production of knowledge. Thus, the public security intelligence seeks new paradigms inserted in a context of information technology and monitoring social networks.*

Key-words: *Social Networks. Public Security Intelligence. Knowledge production. Information technology.*

REFERÊNCIAS

ANDERY, Gabriel de Faria. Integrando projeções multidimensionais à análise visual de redes sociais. Dissertação. Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo. São Carlos, 2010.

AGRELL, Wihelm. Quando tudo é inteligência – nada é inteligência. Occasional Papers, vol. 4 no. 4, [S.l.], 2002.

ASSIS, Wilson Martins de. Metodologia para construção de produtos de informação nas organizações. Dissertação. Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

BARAN, Paul. On distributed communications: I. Introduction to distributed communications networks. In: Memorandum RM-3420-PR, August 1964. Santa Mônica: The Rand Corporation, 1964.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Decreto nº 3.695, de 21 de dezembro de 2000. Cria o Subsistema de Inteligência de Segurança Pública, no âmbito do Sistema Brasileiro de Inteligência, e dá outras providências. Brasília: 2000.

_____. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Doutrina Nacional de Inteligência de Segurança Pública. Brasília, 2009a.

_____. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Resolução nº 01, de 15 de julho de 2009. Regulamenta o Subsistema de Inteligência de Segurança Pública – SISP, e dá outras providências. Brasília, 2009b.

BRITO, Vladimir de Paula. O papel informacional dos serviços secretos. Dissertação. Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

Utilização das Redes Sociais na produção de conhecimentos de inteligências de Segurança Pública

CEPIK, Marco Aurélio. Espionagem e Democracia: agilidade e transparência como dilemas na institucionalização de serviços de inteligência. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

DANTAS, George Felipe. SOUZA, Nelson Gonçalves de. As bases introdutórias da análise criminal da inteligência policial, 2004. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/ceig>>. Acesso em: 16 jun 2011.

FERRO JUNIOR, Celso Moreira. A inteligência e gestão da informação policial. Conceitos, técnicas e tecnologias definidos pela experiência profissional e acadêmica. Brasília: Editora Fortium, 2008.

FERNANDO, Carril. Mobilidade... In: Para entender as mídias sociais. Ana Bambilla (Org). Creative Commons, 2011. Disponível em: <<http://www.creativecommons.org.br>>. Acesso em: 12 mai 2011.

FREITAS, Carla M. D. S *et al*. Extração de Conhecimento e Análise Visual de Redes Sociais. Anais do XXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Computação. Seminário integrado de software e hardware. Belém, 2008.

GONÇALVES, Joanisval Brito. Atividade de inteligência e legislação correlata. 1ª. edição. Niterói: editora Impetus, 2010.

GRANOVETTER, Mark. The Strength of weak ties: a network theory revisited. State University of New York. Sociological Theory, Vol 1, (201-233) 1983.

INAGAKI, Alexandre. A “morte” dos blogs. In: Para entender as mídias sociais. Ana Bambilla (Org), Creative Commons, 2011. Disponível em: <<http://www.creativecommons.org.br>>. Acesso em: 12 mai 2011.

LEVY, Pierre. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu Costa. São Paulo: Coleção Trans. Ed. 34, 1999.

LOWENTHAL, Mark M. Intelligence: from secrets to policy. 3ªedição, CQ Press: Washington, 2006.

MARTELETO, Maria Regina. Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ci Inf. Brasília*, vol 03, n1, p71-81, jan.abr. 2001.

MACHADO, Davi Marcos. A estruturação de comunidades e redes sociais em ambiente virtual. Mestrado em tecnologias e design digital. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

MESSA, Eric Eroi. Mídias Sociais e...Marcas. In: Para entender as mídias sociais. . Ana Bambilla (Org). Creative Commons, 2011. Disponível em: <[http://www.creative commons.org.br](http://www.creativecommons.org.br)>. Acesso em: 12 mai 2011.

MOLINA, Letícia Gorri e VALENTIN, Maria Lígia Pomim. Prospecção e monitoramento informacional no processo de inteligência competitiva. Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. *Ci. Inf.*, Florianópolis, n. esp., 1º sem. 2004. Disponível em: <[http://www.periodicos.ufsc.br /index.php/eb/article/view/292/5282](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/292/5282)> Acesso em 20 de junho de 2011.

NOVAIS, Ricardo Mari de. Mídia Social – Potencialidades para a atividade de inteligência. Monografia. Escola Superior do Ministério Público de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

RATCLIFFE, Jerry H. *Intelligence-Led Policing*. Portland: Willan Publishing, 2008.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. Para entender as mídias sociais. Ana Bambilla (Org). Creative Commons, 2011. Disponível em: <<http://www.creativecommons.org.br>>. Acesso em: 12 mai 2011.

SBARAI, Rafael. ... Orkut ou Facebook? In: Para entender as mídias sociais. Ana Bambilla (Org). Creative Commons, 2011. Disponível em: <[http://www.creative commons.org.br](http://www.creativecommons.org.br)>. Acesso em: 12 mai 2011.

Utilização das Redes Sociais na produção de conhecimentos de inteligências de Segurança Pública

SHULSKY, Abram N. SCHMITT, Gary J. Silent Warfare: Understand the world of intelligence. 3ª. edição, Brasseys, Inc., Virgínia, 2002.

SULAIMAN Alberto. SOUZA, Jano Moreira. Inteligência organizacional e competitiva - Data Mining (Mineração de dados). TAPARANOFF, Kira (Org). Brasília: Editora UNB, 2001.

TARAPANOFF, Kira. ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique de. CORMIER, Patricia Marie Jeanne. Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 3, p. 91-100, set./dez., 2000.

TARAPANOFF, Kira. Inteligência organizacional e competitiva. Brasília: Editora UNB, 2001.

VALADARES, Guilherme. Mídias Sociais e... Segmentação. In: Para entender as mídias sociais. Ana Bambilla (Org). Creative Commons, 2011. Disponível em: <<http://www.creativecommons.org.br>>. Acesso em: 12 mai 2011.